

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
25 e 29 de julho de 2022

MELANCHOLIA (2011) *(Melancholia)*

Realização e argumento: Lars von Trier / **Fotografia:** Manuel Alberto Claro / **Som:** Kristian Eidnes Andersen / **Direcção artística:** Simone Grau Roney, Jette Lehmann / **Guarda-roupa:** Manon Rasmussen / **Maquilhagem e cabelos:** Linda Boije af Gennäs, Dennis Knudsen, Marina Ritvall, Camilla Eriksson / **Montagem:** Molly Malene Stensgaard / **Mistura de som:** André Rigaut / **Colorista:** Norman Nisbet / **Com:** Kirsten Dunst, Charlotte Gainsbourg, Alexander Skarsgård, Brady Corbet, Cameron Spurr, Charlotte Ramping, Jesper Christensen, John Hurt, Stellan Skarsgård, Udo Kier, Kiefer Sutherland.

Produção: Louise Vesth; Metta Louise Foldager Sørensen; Bettina Brokemper, Madeleine Ekman (Zentropa); Rémi Burah, Jérôme Burah, Michel Reilhac (Arte); Tomas Eskilsson, Katarina Krave (Film 1 Väst); Lars Jönsson (Memfis Film); Marianne Slot (Slot Machine Sarl) / **Cópia:** 35mm, cores, legendado em português / **Duração:** 135 minutos / **Estreia mundial:** 18 de Maio de 2011 (Festival de Cannes) / **Estreia comercial portuguesa:** 1 de Dezembro de 2011 / Primeira exibição na Cinemateca.

A sessão de dia 25 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

O “evento” **Melancholia** — filme que fora descrito, no ano cinematográfico de 2011, como o mais “acessível” de Lars von Trier — é indissociável da famosa conferência de imprensa, na estreia do filme no Festival de Cannes, onde o realizador dinamarquês referiu, perante a imprensa internacional e o seu próprio elenco, que “compreendia” Adolf Hitler. Cannes declarou-o “persona non grata” e cancelou, conseqüentemente, todos os eventos à volta da divulgação da sua longa-metragem, que se manteve, apesar de tudo, na competição oficial do certame (e que viria a dar o prémio de Melhor Actriz a Kirsten Dunst). Provocador, doentio, ou simplesmente deprimido, o realizador veria a sua carreira pouco afectada por tais declarações: o seu filme seguinte, **Nymphomaniac: Vol. I** (2013) seria (ironicamente) estreado, na sua versão longa, no Festival de Berlim de 2014, e **The House That Jack Built** (2018) faria a sua estreia, mais uma vez, no maior festival de cinema do mundo (sete anos, portanto, foram a medida suficiente para Cannes esquecer eventuais simpatias nazis).

A que propósito von Trier faria tais declarações e em que medida se associam a **Melancholia**? Filme que surge depois de um período de depressão do realizador (**Antichrist**, filme de 2009, já anunciava o que ia pela sua mente), a sua escrita surgiria de dois eventos pessoais marcantes: a percepção, obtida durante o seu tratamento clínico, que os depressivos manifestam sentimentos de grande serenidade perante cenários de calamidade, e que as suas origens familiares, ao contrário daquelas que julgava ter (judias), eram, afinal, e tal como lhe dissera a sua mãe à beira da morte, alemãs. **Melancholia** seria, portanto, a oportunidade para o realizador dinamarquês explorar um dos seus imaginários poéticos e estéticos de eleição: o romantismo alemão e, por associação, a música de Wagner (cuja abertura de “Tristão e Isolda” acaba por abrir, também, o filme de von Trier, dando música à destruição do mundo).

Se Dunst acaba por ser a estrela melancolicamente cintilante deste filme, atriz que se juntou ao projecto, também, depois de um período de depressão clínica (e que encontrou, por aí, uma afinidade especial com o realizador, refugiando-se do “planeta Hollywood”), **Melancholia** — o projecto — surgira de uma correspondência entre von Trier e a atriz Penélope Cruz e da admiração desta última pela peça *As Criadas* de Jean Genet, história de contornos sado-masoquistas assente na relação entre duas irmãs (Cruz saiu do projecto por conflitos de calendário, chegando Dunst ao filme por recomendação de Paul Thomas Anderson e Susanne Bier). Do mesmo modo, *Justine*, nome da personagem principal, tem a sua origem no livro com o mesmo título de Marquês de Sade, mulher que busca a virtude mas que vive sob o uso e abuso de outras personagens, à sua volta, com vista ao seu prazer pessoal.

Estes são os ingredientes que acabam por compôr e influir o universo estético e emocional de **Melancholia**, filme que o realizador descrevera, nas suas declarações escritas para a imprensa de Cannes, como um filme “Viscontiano”, embora nos pareça que o universo de Antonioni (e os campos de golfe de **La notte**, filme onde a melancolia atinge — e de que maneira — o seu ambiente e, particularmente, a atriz Jeanne Moreau) acabe por ir, de maneira mais concreta, à ideia de “fim do mundo” ou do excesso de importância (sentimento mais próprio do realizador dinamarquês e do seu “humor”, tal como as suas declarações revelaram) que poderemos dar a todas as calamidades, incluindo aquela que marcaria o fim de toda a existência. Se Cannes, na altura, não se comoveu com esse gesto (apenas com Dunst — e a cena em que esta recebe a luz melancólica dessa planeta acaba por ser o seu momento mais tocante), foi outro realizador, nesse ano de 2011, que nos ofereceu, sem ambições wagnerianas nem manobras de imprensa, um retrato humano sobre as nossas inseguranças, o nosso lado lunar: Abel Ferrara e o seu **4:44 Last Day on Earth** (2011).

Francisco Valente